

AINDA O GOLPE

Desculpem os leitores, mas tenho que voltar a ele.

Do muito que tenho lido e escutado sobre os acontecimentos do nosso País, nada me pareceu tão lúcido, tão de acordo com o meu pensamento, e tão bem escrito como o artigo de Marcio Tavares D’Amaral no Globo de sábado passado. É um dos poucos articulistas que leio hoje, com atenção, interesse e prazer.

O artigo, para mim, é perfeito e completo; eu nunca seria capaz de dizer tudo aquilo tão clara e tão sucintamente. E tão artisticamente, que é outra qualidade dele, sublinhada por minha amiga Christina Monteiro de Castro, minha monitora literária.

Tão estimulado fiquei com a leitura que me pus a pensar – e é isto mesmo que acontece quando se é tocado por um bom texto ou por um bom filme: a gente se põe a pensar sobre ele, repetidamente, horas e horas.

Pus-me a pensar sobre cada uma das frases do artigo e sobre o imprevisível da sequência de revelações que ele comenta tão bem. Até quando (?) irá esta exposição de inacreditáveis milhões furtados, cuja apuração muitos, sentindo-se ameaçados, querem agora parar, já que foi cumprido o objetivo decisivo deles, que era o golpe.

Que conseqüências positivas poderá produzir (?), além das muito nefastas que já produziu, sobre a economia, sobre as nossas empresas de engenharia, sobre a Petrobras, sobre a credibilidade das instituições, sobre o dia-a-dia dos brasileiros desempregados.

Eu cultivo um otimismo ingênuo e benfazejo, e acredito que o mal da corrupção, pela primeira vez desde Cabral (os índios não conheciam o dinheiro), sofrerá uma contundente e preciosa regressão. Já imagino os candidatos na próxima eleição municipal a fazerem campanha sem dinheiro, sem doações milionárias, distribuindo pessoalmente santinhos na rua ao estilo antigo.

Por mais ingênuo que seja o meu otimismo, entretanto, não consigo mais pensar que daqui para a frente não haverá mais golpe no Brasil. Cheguei a pensar assim nos anos oitenta, depois da longa luta contra a ditadura. Agora sei que nossa estabilidade depende da nossa resignação. De não pretendermos, nós brasileiros, nos libertar da dominação a que estamos submetidos no jogo do poder mundial. Depende de não pretendermos ter um protagonismo próprio neste jogo; de não fazermos alianças com inimigos do grande capital, como a dos BRICS; de não costurarmos grupos regionais com vistas a uma libertação do jugo, como fizemos com a Argentina e a Venezuela na UNASUL e no Mercosul; de não tentarmos desempenhar papel relevante em assuntos estratégicos como o petróleo; de não dominarmos tecnologias de ponta que possam ter significado militar, como a do enriquecimento de urânio, a dos foguetes de lançamento de satélites, a do submarino nuclear francês ou a do caça sueco de última geração; de não ousarmos, enfim, buscar caminhos próprios de desenvolvimento, diferentes daqueles pautados pelo modelo de produção e de consumo dos grandes países do ocidente. Qualquer tentativa desta natureza será reprimida com o golpe. Assim foi, eu vi, com Getulio Vargas e com João Goulart. Assim foi agora, com Lula e Dilma. Assim foi também na virada da mídia, do apoio à ditadura para a defesa da redemocratização, depois do nacionalismo de Geisel. Assim será sempre.

Roberto Saturnino Braga

rsaturninobraga@gmail.com
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Artigo nº 395/2016

As revelações vão aparecendo, confirmando as convicções do mais vividos. Hoje existe o Wikileaks, mostrando que o juiz Moro foi preparado para o golpe, foi instruído e depois municiado com as informações da NSA espionadas da Petrobras, e fez tudo direitinho, talvez, quem sabe (?), inocentemente, sem saber que servia a uma causa estrangeira, crente que prestava um serviço ao Brasil.

E a dominação golpista contará sempre como apoio pronto e decisivo da grande mídia a ela associada, e da nossa classe média embevecida com os padrões de primeiro mundo, fazendo seus enxovais em Miami.

Enfim, teremos sempre golpes. E nem sempre palavras tão lúcidas, calmas e belas como as de Márcio Tavares D'Amaral.

Mas depois que escrevi este artigo, li dois outros também excelentes, cheios de palavras certas e bem colocadas: o do nosso brilhante escritor Marco Lucchesi (Tempos estranhos), e o do mais respeitável dos nossos jornalistas veteranos, Mauro Santayana (O STF e o Império da Lei).

Talvez (quem sabe?) o golpe reverta. Como é bom ser brasileiro.

Roberto Saturnino Braga

rsaturninobraga@gmail.com
www.saturninobraga.com.br